

EDIÇÕES NOVA ACRÓPOLE

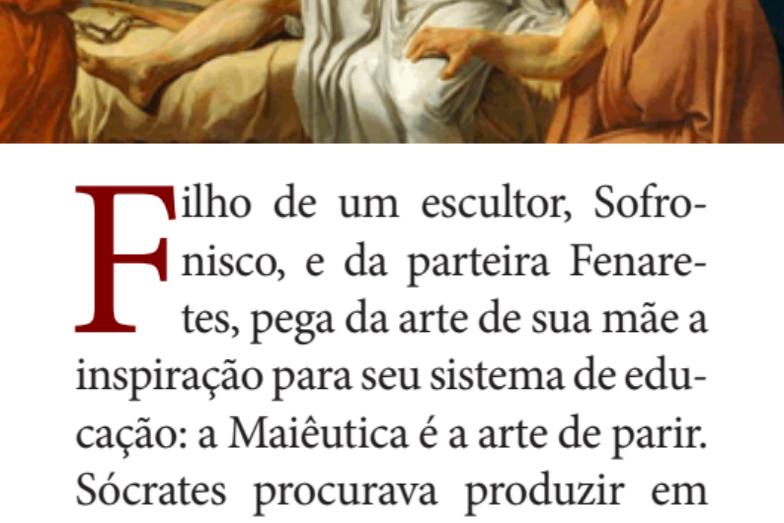
SÓCRATES

Era ateniense, não apenas por nascimento mas, sim, por verdadeira convicção. Viveu, em sua infância, a Atenas do esplendor, o século de Péricles. Atenas era então o lugar de encontro dos mais brilhantes pensadores da época. Grandes escultores, como Fídias, arquitetos e pintores de mérito haviam-na enchido de beleza. Depois das guerras contra os invasores persas, Atenas se tornou a cabeça das cidades-estado da Hélade.

Viveu também a época de decadência, as miseráveis guerras contra Esparta, as revoltas populares, a perda do domínio marítimo. Seu papel em todo esse processo foi sempre ativo, foi possível vê-lo combatendo bravamente quando era necessário e participando ativamente no Aerópago. Porém, sempre brilhou, no fundo, durante toda a sua vida, o desejo de ser filósofo.

Sócrates fez da educação um verdadeiro apostolado. Para ele, nenhuma outra função era superior a essa, e tratou de realizá-la com a maior fidelidade.

Tudo o que preocupava aos homens comuns foi sacrificado por Sócrates com o objetivo de poder educar o maior número possível de seres humanos no sentido do dever e da justiça.



Filho de um escultor, Sofronisco, e da parteira Fenaretes, pega da arte de sua mãe a inspiração para seu sistema de educação: a Maiêutica é a arte de parir. Sócrates procurava produzir em seus interlocutores o alumbramento da ideia, sua saída ao exterior a partir de dentro de si mesmo. Para isso desenvolverá o maravilhoso diálogo conhecido desde então com o nome de socrático, um jogo de perguntas e respostas logicamente encadeadas que procuram despertar aos homens de sua letargia de pequenas vaidades, ódios, medos e orgulhos, mostrando-lhes o mundo de grandes valores.

“Eu só sei que nada sei” foi a resposta do Oráculo da pitonisa de Delfos, quando esta o catalogou como o mais sábio entre os homens de seu tempo. Então ele chegou à conclusão de que o Oráculo estava certo, uma vez que na realidade ninguém sabia nada sobre nada, nem ele nem os outros, mas os outros não estavam cientes de sua ignorância. Aí estava a diferença.

Temos a imagem de um Sócrates simples, de boas maneiras, muito preocupado com a moral, com muita dedicação à sua vocação como mestre, representado discutindo com sua esposa, Xantipa, que o censurava por não se envolver em atividades mais lucrativas. Caminhante incansável nas ruas e praças públicas da velha Atenas, criticou abertamente os sofistas pela falta de amor pela Sabedoria, que os levou a prostituí-la.

Sócrates endossa o antigo aforismo de Delfos: “Conhece a ti mesmo e conhecerás a Natureza e os deuses”. Não há sabedoria sem esse conhecimento e o ascetismo que ele traz.

No final de sua vida, injustamente acusado de corromper a juventude, bem como de heresia religiosa, foi condenado a beber a cicuta, brindando, assim, o exemplo de toda uma vida dedicada à superação e ao conhecimento interior.

Quando perguntado por que aceitara sua sentença e sua morte, visto que eram injustas, conseguiu ainda responder que é melhor suportar uma injustiça do que cometê-la.

Julián Palomares

VEJA MAIS EM:

WWW.REVISTAESFINGE.COM.BR